

INFORMAÇÕES

Passeio Paroquial a S. Bento da Porta Aberta:

Voltamos a lembrar que será a 9 de Setembro e o destino principal será o Santuário de S. Bento da Porta Aberta, passando também pela S.ra da Abadia e pelo Soajo. Os preços por pessoa são os seguintes: Adultos: 15 €; Seniores (Reformados) e Jovens (12 aos 25 anos) – 10 €; Crianças (3 aos 12 anos) – 5 €. Para inscrições contacte o pároco.

Atendimento no cartório Paroquial: Esta semana, por coincidir com a Novena da S.ra da Graça em Carreço, não haverá atendimento no Cartório na 2.ª, 4.ª e 6.ª feira, das 19 às 20 h., mantendo-se na 4.ª feira, das 15 às 16 h.

Testemunhos de solidariedade: Hoje começamos pelo testemunho do nosso Bispo D. José Augusto Pedreira, que assim escrevia num cartão que acompanhava um cheque de 500 euros para a construção da nova Igreja: “Meu caro Pe. Torres Lima: Com um abraço amigo e desejando-vos bom êxito no vosso trabalho, junto segue um pequeno estímulo, magro contributo, para a obra projectada.” Outro sacerdote escrevia: “Aqui vai a minha ‘pedrinha’. Que Deus o ajude no seu trabalho.” Outro sacerdote idoso e doente, que sabemos viver apenas da sua reforma e com dificuldades, escrevia: Envio este cheque (25 euros), com todo o gosto. Se pudesse dar mais, daria.” Estes são apenas alguns dos estímulos que temos recebido de sacerdotes de todo o país.

Ofertório para a Igreja nova:

Como é habitual no 2.º domingo de cada mês, o Ofertório das Eucaristias do próximo fim de semana reverte a favor da construção da nova Igreja e Centro Paroquial. Há envelopes à entrada da igreja para o efeito. Seja generoso(a)!

Nova Igreja e Centro

Paroquial: Esta semana foram entregues mais os seguintes donativos para a construção da nova Igreja e Centro Paroquial: Mons. Dr. José Maria dos Reis Ribeiro (Sacerdote de Alvarães, Chanceler da Cúria Diocesana) – 500 €; Luís Alexandre de Sá Ribeiro – 10 € (mensal); Anónima – 10 €; Anónimo – 10 €; Anónimo – 20 € (referente ao Ofertório de Julho); Vítor Manuel Gonçalves Vieira – 5 € (referente ao Ofertório de Julho). Bem hajam!

MISSAS

Dia	Hora	Intenções
6	Seg	18,30 Domingos Fernandes, Conceição Coelho e José Pedro Coelho; Carlos de Sá Martins; Teresa de Jesus Parente; Carlos Alberto Viana Cunha Matos
7	Ter	18,30 Pais e irmãs da família Mendes Gomes e Sogros; José Rodrigues e filhos, Acúrio de Brito e esposa; Sebastião de Passos Barroso e esposa; Teresa da Silva e Fernando Pereira; Valdemar Crisóstomo do Souto; Etelvina Martins Sousa Miranda; Maria Augusta Laranjeira (7º dia)
8	Qua	18,30 José do Rosário, José Mendes e João Paulo; Luís da Rocha e Maria José Silva; Mário Alves Cadilha e Virgínia da Lomba Cadilha; Isabel Lomba Ferraz; Maria Amélia Rodrigues Ramos (30º dia)
9	Qui	18,30 Manuel José Araújo Gomes; Defensor e família; Francisco da Silva e Maria José Araújo; Aurora Cerqueira; Maria Adelina Pires Franco e João Varajão
10	Sex	18,30 Adelaide Rodrigues da Costa e Agostinho Rodrigues de Sousa; Marina Alexandra Caldeira Pedra e João Nunes Pedra; Maria da Silva Ribeiro
11	Sáb	18,30 Domingos Jesus da Silva; José da Silva Maciel Ribeiro; José Luís Martins Branco e Diamantino Fernandes; Amândio Governa; José da Silva (aniv.)
12	Dom	10 José Bastos; Luís Miranda e familiares; João Alberto, José Joaquim, Manuel Alves e Júlia Fernandes; Rui Manuel Pereira da Silva e Eduardo Peres da Silva; Carolina de Miranda e João Mesquita; Laura Alves; Joaquim Filipe Torre Alves de Passos e Maria do Rosário Cirne Maciel; Maria Virgínia Maciel Barbosa; Virgílio Pires Barbosa; José Moreira; Eduardo do Outão Lima; José Esteves Rocha e Maria de Lurdes Salgueiro; Alfredo Armando Quintiliano (aniv.)

PARÓQUIA VIVA

Nº 326 – 05/08/2007

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



18.º Domingo do Tempo Comum - Ano C



«guardai-vos de toda a avareza: a vida de uma pessoa não depende da abundância dos seus bens». E disse-lhes esta parábola: «O campo dum homem rico tinha produzido excelente colheita. ... Mas Deus respondeu-lhe: ‘Insensato! Esta noite terás de entregar a tua alma. O que preparaste, para quem será?’» (Evangelho)

E, no entanto, Deus dá-nos todo o tempo do mundo de graça. Todo o tempo deste mundo: o *cronos* e o *káiros*, o tempo medido e o tempo vivido.

Os antigos consideravam que a verdadeira ocupação do homem era o *ócio* e não os negócios. Os monges tentaram manter vivo este ideal do homem ciente da sua vocação: não fomos criados para trabalhar, mas para louvar o criador; estamos neste mundo não para explorar a terra, mas para cuidar do jardim da criação. *Ora et labora* foi a fórmula de equilíbrio encontrada pelos mestres espirituais que sempre consideraram o *ócio* e a contemplação tão importantes como o trabalho.

Na escola, na família e na sociedade preparam-nos para o trabalho, mas não nos preparam para o *ócio* nem nos ensinam a saber “perder tempo”. Não nos faltam meios e propostas para matarmos o tempo, em vez de nos ensinarem a arte de vivê-lo com sabedoria: uns matam o tempo diante do televisor, outros “ocupando os tempos livres” para que nunca estejam livres; outros em actividades radicais, para que nunca cheguem à raiz das coisas e dos problemas... Matamos o tempo para não nos cruzarmos com a morte, e fugimos à morte para não nos encontrarmos com a vida.

Passamos a vida a correr contra o tempo, a lamentarmo-nos que “não temos tempo”, quando afinal o tempo só nos foge porque nós corremos contra ele.

(Continua na pág. 3)

Férias: saber perder tempo

Por: Frei Isidro Lamelas

“Para tudo há um tempo debaixo dos céus:

Tempo para nascer e tempo para morrer,

Tempo para procurar e tempo para perder,

Tempo para guardar e tempo para deitar fora”
(Eclé 3, 1.6).

Em tempo de férias é sempre oportuno reflectirmos sobre o bem mais precioso da nossa vida: o tempo.

Perguntem ao estudante que reprovou, quanto vale um ano! Perguntem à mãe que teve o bebé prematuro, quanto vale um mês! Perguntem aos namorados que não se viam há muito, o valor de uma hora! Para perceber o valor de um minuto, perguntem ao passageiro que perdeu o avião! Para perceber o valor de um segundo, perguntem a uma pessoa que conseguiu evitar um acidente!

Assim nos mostra a vida como é precioso cada ano, cada dia, cada hora ou fracção de tempo. Será por isso que se diz que “o tempo é dinheiro”? Ou será que o tempo, como a moeda, se vai desvalorizando na nossa vida cronometrada do dia-a-dia?

18.º Domingo do Tempo Comum – Ano C

LITURGIA DA PALAVRA

1ª leitura: Co (Ecl). 1, 2; 2, 21-23

2ª leitura: Col. 3, 1-5.9-11

Evangelho: Lc. 12, 13-21

- Na agenda das férias -

O mês de Agosto é, entre nós, o mês de férias por excelência. Por isso e antes de mais nada, votos de boas e retemperadoras férias, para quem as possa ter e gozar!

‘Férias’ é, acima de tudo, sinónimo de tempo ao nosso dispor, ausência de horários e de obrigações.

Mas, cada vez mais, elas exigem uma programação prévia. As preocupações incidem no(s) destino(s), viagens e alojamento. Serão muito poucos aqueles que procuram prever a sua dimensão espiritual e religiosa.

Em socorro desta deficiência vem a Palavra do Senhor deste domingo, convidando-nos a incluir na programação das nossas férias uma proveitosa e, porque não, indispensável reflexão sobre as razões mais profundas que nos fazem viver, ou, melhor ainda, correr na vida. Sim, porque na ‘correria’ louca da nossa vida, quase nem tempo há para parar, respirar fundo e reflectir... E, pior ainda, se nem em férias conseguimos tempo e disposição para o fazer!

Por isso, talvez mais que nunca seja oportuno o exagero do texto de Coelet: “ vaidade das vaidades: tudo é vaidade... Que aproveita ao homem todo o seu trabalho e a ânsia com que se afadigou?”.

Por sua vez, Cristo não fica atrás, ao afirmar-nos: “assim acontece a quem acumula para si, em vez de se tornar rico aos olhos de Deus”!

Aceitemos todos incluir nas nossas férias deste ano um tempo, por pequeno e onde quer que seja, para parar, respirar fundo e reflectir sobre o rumo e as razões que nos fazem correr neste estilo de vida, que nos habituamos a designar por ‘stressante’, uma palavra moderna e sonante para encobrir a sua realidade insofismável de ‘louco’.

E, para aqueles que tiverem mais coragem, valerá a pena perguntarem-se quais as razões que terão levado Jesus a distanciar-se da conflituosa questão das partilhas, mesmo num tempo em que havia tão pouco para repartir!? Quantas famílias desavindas vemos nós, mesmo entre cristãos, por uma questão que deveria ser tão secundária e que, infelizmente, aumenta de importância na exacta medida em que os herdeiros menos precisam desse acréscimo de riqueza para o seu bem-estar?

Não será mesmo ‘ vaidade das vaidades’ sacrificar no altar da partilha dos bens patrimoniais toda a outra riqueza da herança familiar, como sejam o nome, a educação, os valores, os laços de sangue, a paz, o respeito e a fraternidade?

S. Paulo, no seu texto da Carta aos Colossenses, recorda-nos a escala de valores a que aderimos pela nossa inserção em Cristo e que nos levou a ‘morrer’ para os valores desta vida em favor das “coisas do alto”.

Se, nem em férias, conseguimos tempo para esta paragem e reflexão, corremos seriamente o risco de, quando menos o esperarmos, sermos interceptados por uma operação de auto-stop: “Esta noite terás de entregar a tua alma. O que preparaste, para quem será?”

Pe. José de Castro Oliveira

Férias: saber perder tempo

Por: Frei Isidro Lamelas

(Continuação)

Construímos vias rápidas e máquinas velozes para ganhar tempo, mas é o tempo que foge e passa depressa sem nos permitir contemplarmos a paisagem de cada dia e saborear as paragens que a vida nos proporciona. Tornamo-nos escravos do relógio e cada vez sabemos menos “a quantas andamos”. Na ilusão de correremos contra o tempo estamos a correr contra nós, pois não vivendo realmente, acabamos por queimar o tempo e a vida.

Como é difícil valorizar o tempo presente que Deus nos dá, vivendo o ritmo quotidiano da vida. Os mais velhos continuam a sonhar com o passado sempre “muito melhor” (*no meu tempo é que era bom!*), enquanto os mais jovens vivem obcecados com o futuro. Vamos assim contando os dias e os anos sem vivermos cada momento e cada dia: uns sempre atrasados ou desactualizados, outros tão avançados que parecem viver noutra planeta e fuso horário.

Necessitamos de reaprender a arte do ócio, de dar tempo a nós mesmos, à família, aos amigos. Precisamos de perder tempo com coisas “inúteis”: pararmos a admirar o mistério do amanhecer, saborear a brisa da madrugada que nos fala de Deus, escutar a polifonia dos pássaros que cantam sem contrato, ouvir o silêncio das criaturas e decifrar as mensagens das estrelas...

O tempo de férias constitui uma ocasião propícia para acertarmos a vida pelo relógio do sol e pelo ritmo das criaturas. É o tempo em que podemos tapar os ouvidos ao bater das horas, para escutarmos mais as batidas do coração. Longe de ser um tempo para “passar” ou mal gasto, as férias deveriam ser o tempo bem empregue: onde conseguimos arranjar agenda para nós e para os outros; onde redescobrimos que o dinheiro não é tudo, que as melhores coisas da vida não se compram, pois são grátis, são graça. Longe de ser um tempo de evasão, as férias deveriam ser tempo de encontro, de reflexão, de avaliação; deveriam ser uma ocasião para passarmos do *tempo de fazer* (ter que fazer), para o *tempo de viver*, o tempo de experiência da autenticidade e da criatividade; uma oportunidade para transitarmos das evasivas utopias da máquina do tempo para voltarmos a “ter tempo” e a vivê-lo com magia e fantasia infantil.

Quem dera que pelo menos as nossas férias fossem um tempo da experiência compartilhada com o outro, tempo favorável ao encontro, tempo cheio de significados. Como tão bem observou Marcel Proust: “Uma hora não é uma hora, é um vaso cheio de perfumes, sons, projectos e climas”. Uma vida não é vida se não for assim: cheia de perfumes, sons, projectos e climas. Pois, afinal, a vida não é o tempo e os anos que vamos contando, mas uma história de tempos, lugares e encontros cheios de tudo isso.

Dizia a raposa ao Princepezinho, “foi o tempo que perdeste com a tua rosa que fez a tua rosa tão importante”. Porque esta continua a ser uma verdade esquecida entre os humanos, é importante que haja quem saiba e ensine a “perder tempo” com o mais importante. E o mais importante continua a ser “criar laços” e “deixar-se cativar”.